

APRESENTAÇÃO

Este segundo número do volume 57 da **Alfa**: Revista de Linguística reúne um conjunto de doze artigos originais, uma entrevista e uma resenha. Apesar de distribuídas por diferentes seções, as contribuições aqui reunidas ora se agrupam, ora se separam de acordo com os respectivos temas; no entanto, de qualquer perspectiva de que se as vêem, constituem reflexões sobre o fazer linguístico de diferentes enfoques, o que preserva a identidade desta revista voltada para a diversidade temática e teórica que lhe é peculiar.

A ordenação dos artigos se apoia numa formulação nitidamente descendente de gramática, que parte do discurso em suas relações com a situação sócio-ideológica para chegar às unidades fônicas. Nesse âmbito, se é do interesse do leitor olhar a produção aqui reunida sob uma perspectiva historiográfica, a área amplamente conhecida como Análise do Discurso está representada por seis contribuições, que, curiosamente, constituem quase a metade do volume total.

Os artigos de Narzetti e de Cattelan, que abrem o número, perseguem uma linha mais teórica. O primeiro se dedica à reflexão sobre a noção de ideologia em Bakhtin e o segundo, à reflexão sobre o (não) lugar da semântica do óbvio e sobre a escolha de orações adjetivas, fenômeno selecionado por Pêcheux para demonstrar sua concepção de discurso.

Nessa linha, com base em conceitos de Michel Foucault sobre poder e saber, Severo discute questões de política linguística, tema que aparece desenvolvido também na resenha de Kersch sobre obra que discute línguas indígenas em risco de extinção.

O filósofo M. Foucault, que tem um pé na Análise do Discurso, e seu pensamento sobre discurso da história retornam, no final, em entrevista de Welisson Marques com Jacques Guilhaumou, fechando, portanto, esse agrupamento temático em torno de questões teóricas, semânticas e filosóficas da Análise do Discurso.

Para amenizar essa discussão de ordem metateórica que suscitam esses quatro textos, duas outras contribuições da série enfocam a mídia impressa. O texto de Baronas e Ponsoni se assenta teoricamente no modelo de Dominique Maingueneau para focar especificamente os conceitos de citação, destacabilidade e aforização na análise do processo de circulação de textos integrais e fragmentos de textos

sobre política na imprensa, mobilizando recursos verbais e imagéticos. Bakhtin e seu Círculo retornam no texto de Menegassi e Cavalcanti, que mobilizam também estudos realizados por especialistas brasileiros, para analisar a constituição de um texto de propaganda.

O enfoque da gramática sob uma perspectiva microdiscursiva parece estabelecer uma ponte entre si mesmo e o enfoque macrodiscursivo, que marca os textos sobre discurso, sociedade e ideologia e, como toda ponte, estabelece uma linha de contato e ao mesmo tempo de transição. Com o que se chama aqui “perspectiva microdiscursiva” pretende-se representar um enfoque da gramática em que os dois componentes formais, o morfossintático e o fonológico, são, pelo menos parcialmente, motivados por categorias pragmáticas e semânticas. É justamente esse traço identificador que permite fazer essa ponte entre a orientação microdiscursiva e a orientação macrodiscursiva.

Dos três textos que representam essa linha de pesquisa, dois deles mobilizam o mesmo enfoque teórico, o funcional. A contribuição de Garcia e Pezatti consiste na investigação de um tipo independente de oração concessiva, relevante para a própria organização discursiva. Sperança-Criscuolo, por seu lado, examina um fenômeno sintático particular – o das chamadas orações substantivas – para descrever estratégias de comprometimento do falante com a confiabilidade da informação asseverada e para refletir sobre como essa funcionalidade discursiva pode contribuir para a melhoria do desempenho discente no ensino de língua portuguesa. Nessa mesma linha, o texto de Souza e Oliveira trata também de um fenômeno sintático, objeto duplo em inglês, como parte do processo de aquisição de falantes de segunda língua. Os resultados que alcançam confirmam a hipótese de que a língua materna dos aprendizes, que, nesse caso específico, são falantes nativos do português, atua seletivamente no processo de aquisição do inglês como segundo língua.

Percorrendo a linha descendente aqui selecionada, passamos, agora, à apresentação do enfoque de fenômenos morfossintáticos mais restritos e de fenômenos fonológicos, vistos sob uma ótica variacionista.

No subgrupo temático em que impera a análise morfossintática, insere-se o texto de Rumeu sobre a influência de gênero na passagem diacrônica da forma *tu* para a forma *você* em contexto de sujeito sentencial. Insere-se também nesse domínio o texto de Freitas e Barbosa, que analisa a alternância entre as formas de diminutivo *inho/zinho* em relação a grupos de fatores não linguísticos ou sociais em sentido amplo.

No subgrupo temático em que predomina a análise fonológica, inserem-se os estudos de Carmo e Tenani e de Gravina e Fernandes-Svartman. O primeiro deles, que versa sobre o fenômeno das vogais médias pretônicas visto de uma

perspectiva variacionista, também representa um elo de transição de uma análise fonológica de base variacionista para uma análise estritamente fonológica. O segundo, de Gravina e Fernandes-Svartman, também a última contribuição da série na modalidade “Artigos Originais”, examina situações de desambiguação sintática em que se desfazem situações de choque acentual com base na estrutura prosódica.

Esse é, em suma, o conteúdo em dimensão panorâmica do volume 57:2. A predominância de contribuições em estudos do texto e do discurso, algumas de natureza metateórica, seguidas por textos de extração variacionista, dá uma amostra das atuais preferências temáticas na pesquisa na linguística brasileira. É, no entanto, a provocação de um debate científico a derivar-se dos trabalhos publicados sob sua responsabilidade que consiste o objeto de desejo de todo o editor, que só assim poderá ter a satisfação de constatar o acerto da seleção que o Conselho Editorial imprimiu a mais este número.

Roberto Gomes Camacho
Editor